

MARECHAL RONDON: UM PERFIL DE LIDERANÇA MILITAR PARA A TRANSFORMAÇÃO DO EXÉRCITO

General de Brigada Carlos Roberto Pinto de Souza

O General de Brigada Combatente Carlos Roberto é o Comandante de Comunicações e Guerra Eletrônica do Exército. Foi declarado aspirante a oficial de comunicações em 1983. Além dos cursos normais da carreira, possui os seguintes: Básico de Oficiais de Comunicações e de Comando e Estado-Maior, ambos no Exército dos EUA, Combate Eletrônico na Força Aérea Brasileira, Estratégica da Informação no Instituto Militar de Engenharia, e Altos Estudos de Defesa na República Italiana. Foi Comandante e Diretor de Ensino do Colégio Militar de Curitiba, Observador Militar das Nações Unidas, na ex-Iugoslávia, Adjunto da Subchefia de Segurança da Casa Militar da Presidência da República, Adjunto da Divisão de Doutrina da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e Chefe do Centro de Monitoramento de Fronteiras (carlosrobertops@hotmail.com).



A Nação comemora, neste ano, os 150 anos de nascimento do Marechal Rondon, patrono da arma de comunicações.

No momento em que o Exército Brasileiro (EB) busca obter novas capacidades operativas, realizando desafiador processo de mudança organizacional, é de fundamental importância entender que a força motriz da transformação são os líderes, em todos os escalões, de nossa Instituição.

Escrever sobre o Marechal Rondon é perene desafio de estudo e de interpretação de valores éticos e morais associados aos consagrados princípios de liderança.

A análise da vida e obra desse personagem de nossa história militar, desbravador de sertões e florestas, cientista, indigenista, arauto do positivismo e soldado modelar propicia colher inúmeros exemplos da importância desses valores na forja e resiliência do líder militar.

É imprescindível que se entendam atributos, competências, valores e princípios como traços atemporais, característicos das personalidades dos mais brilhantes cabos de guerra e chefes militares da história universal: Alexandre, Aníbal, César, Napoleão, Frederico, Nassau, Bolívar, San Martín, George Washington, Marshall, Patton, Caxias, Sampaio, Osório, Mallet, Villagran, Bittencourt, Napion, Antonio João, Maria Quitéria, Dutra, Castelo Branco e tantos outros que nos inspiram e demonstraram como comandar.

O cadete, o sargento, o tenente, o capitão, o coronel ou o general, para analisar, decidir, agir e liderar, ou seja, comandar com retidão e acerto valer-se-ão sempre de valores imutáveis e perenes, profundamente enraizados em um bem formado caráter militar, firme e convicto de que os garantes da conduta correta, ao longo da trajetória profissional, serão sempre o amálgama de férrea e intransigente vontade, guiada pela clareza de princípios basilares de conduta ética e virtuosa.

A liderança exerce papel primordial na obtenção, preparação e emprego das capacidades operativas de uma força terrestre, constitui a base de sustentação das demais funções essenciais para a geração de poder de combate (inteligência, comando e controle, movimento e manobra, fogos, proteção e logística).

O Estado-Maior do Exército enfatiza, em sua Portaria nº 197, de 26 Set 13, Bases para a Transformação da Doutrina Militar Terrestre, que:

... não se considera possível ter um exército pronto para cumprir suas missões

constitucionais sem comandantes, em todos os níveis, que possuam desenvolvida capacidade de liderança.

Neste artigo, extraímos passagens marcantes da vida e obra do Marechal Rondon apresentando-as como exemplos concretos dos valores e das competências necessárias ao comandante da era do conhecimento que inspira, conduz e estabelece os preceitos morais para a execução das operações, por meio do exercício da função de combate de comando e controle, conforme preconizado no Manual de Fundamentos EB20-MF-10.103, Operações:

... conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados que permitem aos comandantes o exercício da autoridade e a direção das ações. A função mescla a arte do comando com a ciência do controle. Incluem também os atuadores não cinéticos abrangidos pelas operações de informação. Todas as demais funções de combate são integradas por meio do comando e controle.

O Manual de Fundamentos, EB 20-MF-10.101, O Exército Brasileiro, apresenta a seguinte figura síntese dos valores e princípios que servem de norte para o profissional das armas:

Para fins de limitação do conteúdo tratado e da extensão das análises, nos limitaremos a abordar os seguintes aspectos, evidenciados ao longo da vida do Marechal Rondon:

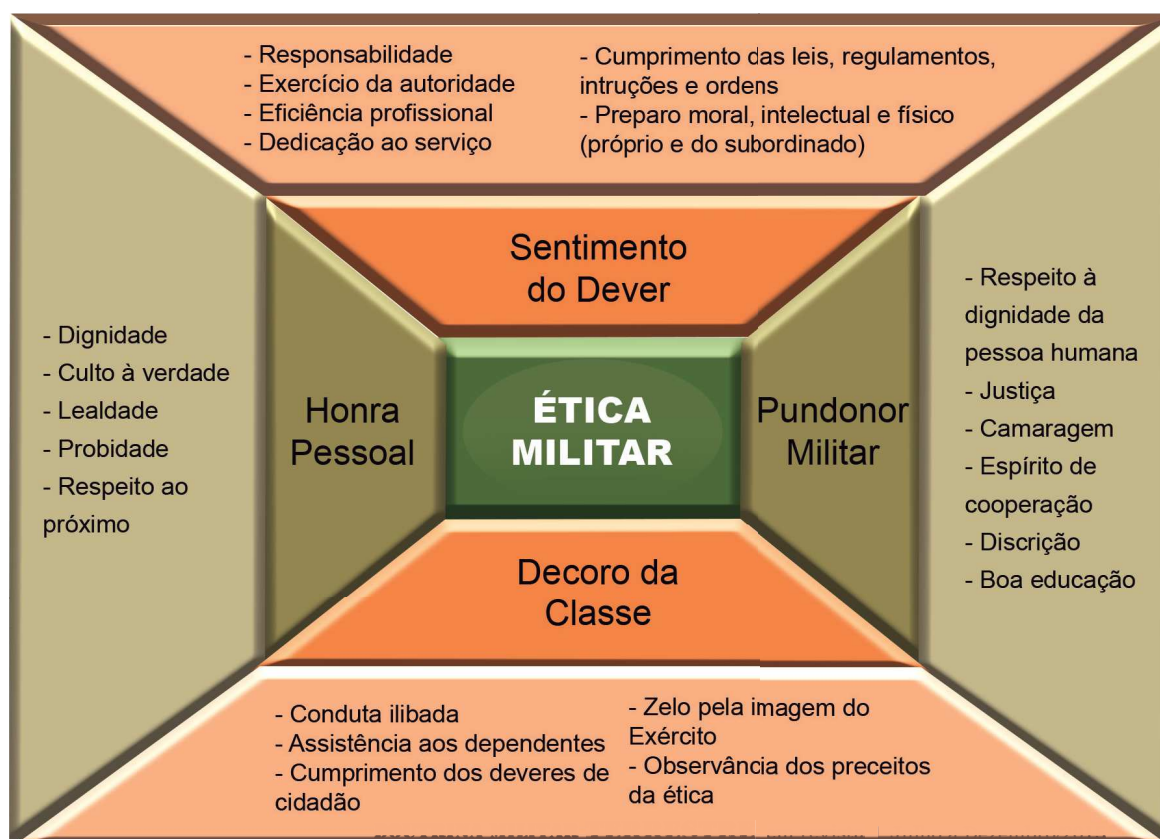
- valores: honestidade, patriotismo, idealismo, justiça, respeito, lealdade, espírito de corpo e disciplina; e
- competências: comunicabilidade, flexibilidade, dinamismo, proficiência técnica e tática, coragem, dedicação, persistência, coerência, responsabilidade, direção e persuasão.

CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Ética e Moral

A palavra ética vem do grego *ethos*, que significa o modo de ser, o caráter; a palavra moral deriva do latim *mos*, que quer dizer costume. Ambas são utilizadas indistintamente e indicam os padrões de comportamento de indivíduos e grupos.

Todo comportamento baseia-se na apreensão do ambiente e na capacidade de adaptação à sua dinâmica de evolução, podendo, portanto, ser instintivo ou conformado pelo hábito da prática das virtudes e do combate



aos vícios, diuturnamente, baseando-os em um conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes e valores aceitos e apreciados pela sociedade que busca progredir em sua trajetória civilizatória.

No Brasil, tais normas, princípios e valores são registrados no Estatuto dos Militares, no qual estão previstos os preceitos da ética militar, exigindo dos que abraçam a carreira das armas condutas moral e profissional irrepreensíveis.

Em nossa Constituição Federal consta:

Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

Portanto, as Forças Armadas são garantes da soberania nacional e da integridade de nosso território, cumpre-lhes fazê-lo sob a égide constitucional e das normas e regulamentos que lhes dão o arcabouço legal.

No Exército, manuais e regulamentos descrevem desde as obrigações dos ocupantes dos inúmeros cargos de uma organização militar (OM) até as técnicas, táticas e procedimentos na conduta de tarefas de combate no escopo das operações no seu amplo espectro.

O comportamento do militar, em qualquer nível hierárquico, subordina-se a elevados padrões de integridade de caráter, intrínsecos à concepção de sua atividade profissional.

Valores

Os valores são referências individuais e coletivas segundo as quais o indivíduo e os diferentes grupos sociais interagem, avaliam e validam comportamentos, pessoas, conceitos e fatos. São um fenômeno social sendo, portanto, variáveis conforme a sociedade, o grupo social, a cultura e o momento histórico, e são aprendidos, podendo ser reforçados nas condutas e interações diárias. Influenciam, consciente e inconscientemente, decisões, ações e relações e podem variar em seu grau

de importância, segundo as circunstâncias, para a sobrevivência do indivíduo e o sucesso do grupo na conquista de seus objetivos.

Portanto, numa instituição nacional, permanente, destinada à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, os valores devem ser a pedra fundamental de suas normas, de seus preceitos e regulamentos e da conduta de seus integrantes. No Exército, os valores derivam das tradições oriundas da sua formação para combater o invasor holandês, verdadeira gênese do espírito de pátria, soberana e independente, bem como das inúmeras passagens históricas ao longo de seus quase quatro séculos de existência.

Lê-se no Manual de Fundamentos, EB20-MF-10.101, O Exército Brasileiro, em seu capítulo introdutório:

Nós, abaixo-assinados, nos conjuramos e prometemos, em serviço da liberdade, não faltar a todo tempo que for necessário, com toda a ajuda de pessoas e fazendas, contra qualquer inimigo, em restauração de nossa pátria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém; sob pena de quem o contrário fizer ser tido por rebelde e traidor, e ficar sujeito ao que as leis em tal caso permitam. E debaixo deste comprometimento nós assinamos em 23 de maio de 1645. João Fernandes Vieira, Antônio Bezerra, Antônio Cavalcanti, Bernardino de Carvalho, Francisco Berenguer de Andrade, Antônio da Silva, Pantaleão Cirne da Silva, Luís da Costa Sepúlveda, Manuel Pereira Côrte Real, Antonio Borges Uchoa, Amaro Lopes Madeira, Bastião de Carvalho, Manuel Alves Deosdará, Antônio Carneiro Falcato, Antônio Carneiro de Mariz, Francisco Bezerra Monteiro, Álvaro Teixeira de Mesquita, Padre Diogo Rodrigues da Silva.

No mesmo manual, no capítulo em que descreve o que é a profissão militar, encontramos a seguinte mensagem:

Senhor, umas casas existem, no vosso reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta, se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta, se deitam obedecendo. Da vontade fizeram renúncia como da vida. Seu nome é sacrifício. Por ofício desprezam a morte e o sofrimento físico. Seus pecados mesmo são generosos, facilmente esplêndidos. A beleza de suas ações é tão grande que os poetas

não se cansam de a celebrar. Quando eles passam juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares... Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem; como se os cobres do pré pudessem pagar a liberdade e a vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros demais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do estrangeiro e de si mesma. Pelo preço de sua sujeição, eles compram a liberdade para todos e os defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E, desde hoje, é como se o fizessem. Porque, por definição, o homem da guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha, à sua esquerda vai coragem, e à sua direita a disciplina (Moniz Barreto – Carta a El-Rei de Portugal, 1893). Destarte, cabe ao líder militar conhecer sua instituição, viver e zelar pelos seus valores, servindo de exemplo para os seus liderados, transmitindo-os e cultuando-os a cada momento da labuta diária.

O Estatuto dos Militares estabelece inúmeros valores fundamentais para o líder militar, dentre outros: honra, honestidade, verdade, justiça, respeito, lealdade, patriotismo, idealismo, espírito de corpo e integridade.

Competências

Nas modernas concepções de gestão de pessoas e do conhecimento, competência consiste num amálgama de conhecimento, habilidade, atitude, valores e experiência, ou seja, conhecer as técnicas e procedimentos específicos de sua especialização, ser proficiente na sua execução, atuar com iniciativa e dinamismo, fazê-lo sob a égide dos valores morais e éticos da organização, aperfeiçoar a sua práxis continuamente, buscando um nível de execução de excelência.

O líder militar deve, dentre outras, ser dotado e cultivar as seguintes competências: comunicabilidade, flexibilidade, dinamismo, proficiência técnica e tática, coragem, dedicação, persistência, coerência, responsabilidade, direção e persuasão.

Além dos valores morais e éticos (o ser)

que garantem a correção de atitudes (o fazer), a proficiência técnico-profissional (o saber) é imprescindível para que a atuação do líder seja adequada na consecução dos objetivos traçados diante da evolução da situação.

O Manual de Campanha C 20-10 Liderança Militar estabelece:

Assim, observa-se o que o líder deve saber, ser e fazer, além de interagir com o grupo e com a situação. São os fatores que criam e sustentam a credibilidade do líder militar. A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da OM em uma dada situação.

RONDON: UM ESTUDO DE LIDERANÇA MILITAR

Passaremos a extrair passagens da vida do Marechal Rondon que evidenciam os valores e competências de interesse deste estudo. As passagens citadas poderão repetir-se, caso ilustrem mais de um valor ou competência distintos, e não deverão estar, forçosamente, em ordem cronológica, embora, para fins de facilidade de leitura, se busque tal sequenciamento natural.

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu a 5 de maio de 1865, em Mimoso, Estado do Mato Grosso. Pelo lado materno, descendia de índios terena e bororo, e de portugueses, espanhóis e índios guanás pelo lado paterno.

Seu pai, Cândido Mariano da Silva, faleceu em fins de dezembro de 1864, época em que transcorriam as operações de invasão do território brasileiro pelas forças de Solano Lopez. Sua mãe, Claudina de Freitas Evangelista da Silva, faleceu quando Rondon tinha dois anos. Órfão de pai antes de nascer e de mãe quando ainda não tinha percepção da perda, foi criado pelo avô paterno que o ensinou a ler.

Aos sete anos foi viver em Cuiabá com o tio, Manoel Rodrigues, que ficou viúvo quando Rondon tinha nove anos. Frequentou a escola do mestre Cruz e alternava estudos com as funções de ajudante na venda do tio.

Em 1874, com nove anos, foi cursar a escola pública, concluindo a escola normal em 1881, aos dezesseis anos, sendo nomeado professor.

Em seu artigo, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso, Nilza Queiroz Freire relata que Rondon, pretendendo continuar seus estudos no Rio de Janeiro, informa seu tio de seus planos, ao que lhe responde Manoel Rodrigues não ter recursos para mantê-lo na capital, responde-lhe então o jovem Cândido Mariano:

... não estou falando em recursos, estou pedindo, apenas, seu consentimento, não se preocupe; terminado meus estudos em Cuiabá, assentarei praça planejando minha entrada na Escola Militar. (FREIRE, 2007 p.37).

Seu tio, inconformado com tais planos, propõe-lhe adotá-lo e obter de seu amigo Dr. Malhado, uma carta de recomendação. Assim, como filho de um capitão da Guarda Nacional, poderia ingressar no Exército como cadete e não como soldado.

Porém, Rondon frustra-lhe o entusiasmo ao ingressar no Exército, assentando praça como soldado, no 2º Regimento de Artilharia a Cavalo, em 26 de novembro de 1881. Queria conquistar seus objetivos pelo seu esforço pessoal!

Realizou, na Escola Militar da Praia Vermelha, de 1883 a 1885, o curso preparatório e o de infantaria, cavalaria e artilharia, concluindo o 3º ano em 1887. Em 1888, fez o Curso de Estado-Maior de 1ª Classe. Em 1889, cursou matemática e ciências físicas e naturais da Escola Superior de Guerra obtendo, em 8 de janeiro de 1890, o título de engenheiro militar, bacharel em matemática e em ciências físicas e naturais. Foi o primeiro colocado de sua turma!

Rondon, quando aluno da Missão Militar Francesa, teve como seu instrutor o próprio chefe da missão, o General Gamelin. Rondon foi um dos comandantes de uma das peças de manobra das célebres manobras de Saicã, de 1922, e nas de Pirassununga em 1926. Quando perguntado ao General Gamelin, em caso de uma guerra, quem ele indicaria para

comandar o Exército Brasileiro, ele respondeu que indicaria o General Rondon.

Em seu artigo anteriormente citado, Nilza Queiroz Freire relata interessantes episódios ocorridos durante os trabalhos chefiados pelo Marechal Rondon no período em que fora chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso (função assumida em 5 de maio de 1892), por indicação de seu “amado Mestre do Sertão”, o Major Antonio Ernesto Gomes Carneiro, sob cuja liderança exercera a função de ajudante da Comissão de Construção das Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Registro do Araguaia.

Recém-promovido ao posto de capitão do Corpo de Engenheiros Militares, em dezembro de 1893, aos 28 anos, estava encarregado da construção de uma estrada estratégica ligando Cuiabá ao Araguaia.

Em junho de 1894, preparava-se Rondon para viajar ao Rio de Janeiro conduzindo sua esposa Francisca Xavier da Silva Rondon, que carinhosamente chamava de “minha Chiquita”, juntamente com o segundo filho dessa abençoada união, Bernardo Tito Benjamin, que nascera em 28 de abril. Já com as bagagens a bordo, recebeu um telefonema informando que os soldados da comissão, em revolta, expulsaram os oficiais e, no acampamento de Quebra-Pote, entregaram-se à desenfreada orgia, quase todos alcoolizados... O tempo era limitadíssimo..., como partir, deixando a comissão em total indisciplina? O pensamento agiu rápido e não hesitou em transmitir a seguinte instrução: “– Ordenança, o meu cavalo!” embora soubesse que não retornaria a tempo para viajar com a família, sendo a decisão acatada pela sua esposa. Ao chegar a Quebra-Pote, desmontou-se num salto e ordenou: “– Corneteiro! Toque reunir soldados acelerado. Repita! Repita!” Os soldados obedeceram ao toque – os lúcidos e os embriagados, instintivamente. Nova ordem: “– Corneteiro! Toque reunir oficiais acelerado. Repita! Repita!” Foram chegando esses últimos, saindo da mata onde haviam

se refugiado. Quando já estavam em forma, falou aos soldados sobre a gravidade da indisciplina, o que os tornava indignos da farda que vestiam. Depois, dirigiu-se aos oficiais: “um oficial não pode abandonar o seu posto, nele morre se necessário for.” Passou a refletir sobre a remessa de homens indisciplinados para trabalhar na comissão, estando em fase de obediência forçada; eram maus elementos, entre eles os cem revoltosos da fortaleza de Santa Cruz.

Outro episódio ilustrativo das dificuldades de lidar com homens rebeldes, indisciplinados, sujeitos a situações limites, com risco de vida, à fadiga e privações de toda ordem nas lides no sertão e em contato com silvícolas ainda em seu estado natural de comportamento, é narrado por Nilza Queiroz Freire, em sua obra já mencionada:

De oitenta e uma praças, a comissão estava reduzida a trinta, dizimadas pela malária e a polinevrite; registraram-se muitos óbitos e foi necessário separar os mais doentes, enviando-os para a guarnição de Cuiabá-MT; além disso houve dezessete deserções. (FREIRE 2007).

Nessa circunstância, Cândido Mariano pediu ajuda aos bororós e foi prontamente atendido da seguinte forma: o Pajé Báru apresentou-se com mais de 120 índios, incluindo homens, mulheres e crianças; depois chegou o cacique Oarine Ecureu, com 150 índios. Cândido Mariano mandou formar o contingente e os índios, explicando: “ficam os soldados proibidos de visitar os acampamentos indígenas, a não ser acompanhados e com autorização. Por outro lado, se a ordem for esquecida, deverão, os índios, agarrar quem a transgredir, trazendo o

faltoso à minha presença.” O serviço prosseguia normalmente, com a forte colaboração dos índios, entretanto, numa determinada noite, Cândido Mariano acordou com enorme alarido no acampamento, seguido pela tribo a falar e gesticular, trazendo o soldado faltoso, suspenso, acima das cabeças, para a presença de seu chefe. Pelo adiantado da hora, deixou o assunto para o dia seguinte; então, pela manhã, com os índios reunidos – aguardavam a decisão do *pagmejera* (nome com que os silvícolas se referiam a Cândido Mariano) – mandou prender o faltoso; o cacique Oarine Ecureu aplaudiu o *pagmejera*, por aplicar o devido corretivo no descumprimento da sua ordem.

Nilza nos conta ainda mais dois episódios da manutenção da disciplina e da aplicação da justiça pelo Marechal Rondon, em um deles, semelhante ao acima descrito, exigiu maior firmeza e energia do marechal que, dirigindo-se ao contingente e aos índios formados, proferiu: “Esta surra é a que os índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para sua

dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem de seu próprio comandante.” (FREIRE 2007).

O outro episódio revestiu-se de extrema gravidade: soldados tramavam assassinar Rondon e seus oficiais e, em seguida, roubar o cofre do contingente. Descoberta a trama, Rondon aplica exemplar corretivo ao líder dos criminosos. Após frustrar a fuga de vinte praças que tomaram o rumo da Bolívia, reuniu-os todos, lhes expôs a gravidade do ato praticado e, pior do que isso, o que haviam planejado; completou sua exposição dizendo que, a disciplina do sertão tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia.

A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos em uma dada situação.

Nesses fatos narrados, observa-se o cuidado na preservação de normas claramente estabelecidas e divulgadas, bem como o caráter educativo das sanções disciplinares, sempre antecedidas de uma formatura e da explicação do porquê da sua aplicação, além de sua gradação, procurando-se evitar o uso desproporcional da força, porém aplicando-se sanções adequadas à gravidade da falta e à sua reincidência.

Observa-se, portanto, a preservação dos valores da justiça e da disciplina, bem como a evidência das competências da comunicabilidade, persuasão e direção.

É notório o ideal positivista de Rondon. Filosofia que lhe foi transmitida pelo seu mestre Benjamin Constant, sobre o qual assim se refere:

Fostes, Benjamin Constant, o meu mestre amado que a todos se impunha pela extensão do cultivo intelectual, pela integridade do caráter diamantino, pela pureza do coração. Trato ameno, aureolado de doçura e bondade, absoluta e sincera franqueza, realçavam aqueles predicados. E a todos, mestre, inspiravas veneração. (Viveiros, 1958, p.92).

Seu credo positivista, escola filosófica baseada nos conceitos e ideias de Auguste Comte (1798-1857), pensador francês que fundamentava sua filosofia na premissa básica de que a sociedade somente seria convenientemente reorganizada mediante uma completa reforma intelectual do homem, fazia com que Rondon pautasse sua conduta pelos princípios da religião da humanidade: “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.”

Comte enunciou sua “Lei dos Três Estados”, segundo a qual tanto o espírito humano quanto as ciências se desenvolvem ao longo de três fases distintas: a teológica, a metafísica e a positiva. Cada fase é baseada na capacidade do homem e nos seus processos de compreensão do mundo, a saber: a imaginação, a argumentação e a observação. Assim, o conhecimento positivo caracteriza-se pela previsibilidade: “ver para prever” é o lema da ciência positiva.

A previsibilidade científica permite o desenvolvimento da técnica e, assim, o estado positivo corresponde à indústria, no sentido

da exploração da natureza pelo homem. Nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos dos sábios e dos cientistas e do poder material para o controle dos industriais.” (Os Pensadores, 2005, p.10).

Transcreve-se, a seguir, o Credo Positivista de Rondon:

Eu creio:

Que o homem e o mundo são governados por leis naturais.

Que a ciência integrou o homem ao universo, alargando a unidade constituída pela mulher, criando, assim, modesta e sublime simpatia para com todos os seres de quem, como *poverello*, se sente irmão.

Que a ciência, estabelecendo a inateidade (sentimento nato) do amor, como a do egoísmo, deu ao homem a posse de si mesmo e os meios de se transformar e de se aperfeiçoar.

Que a ciência, a arte e a indústria hão de transformar a Terra em paraíso para todos os homens, sem distinção de raças, crenças, nações – banindo os espectros da guerra, da miséria, da moléstia.

Que ao lado das forças egoístas – a serem reduzidas a meios de conservar o indivíduo e a espécie – existem no coração do homem tesouros de amor que a vida em sociedade sublimará cada vez mais.

Nas leis da sociologia, fundada por Augusto Comte, e por que a missão dos intelectuais é, sobretudo, o preparo das massas humanas desfavorecidas, para que se elevem, para que se possam incorporar à sociedade.

Que, sendo incompatíveis às vezes os interesses da ordem com os do progresso, cumpre tudo ser resolvido à luz do amor.

Que a ordem material deve ser mantida, sobretudo, por causa das mulheres, a melhor parte de todas as pátrias, e das crianças, as pátrias do futuro.

Que no estado de ansiedade atual, a solução é, deixando o pensamento livre como a respiração, promover a liga religiosa, convergindo todos para o amor, o bem comum, postas de lado as divergências que ficarão em cada um como questões de foro íntimo, sem perturbar a esplêndida unidade – que é a verdadeira felicidade.

Em 1919, Rondon foi nomeado Diretor de Engenharia do Exército pelo Ministro da Guerra, Pandiá Calógeras, civil empossado pelo Presidente Epitácio Pessoa. As próximas passagens da vida do marechal são extraídas de artigo elaborado pelo Coronel

Cláudio Moreira Bento, ilustre historiador e palestrante, acadêmico presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, membro emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Segundo relata o Coronel Moreira Bento (<http://www.ahimtb.org.br/cmbbibli.htm>):

Implantaram-se modernas casernas e obras militares por todo o Brasil, 86 concluídas em sua administração e 36 em vias de conclusão ao final de sua administração, além da aquisição de 25 imóveis. Entre as obras espalhadas pelo Brasil, sob a direção técnica de Rondon, registrem-se os prédios do atual 1º Batalhão de Polícia do Exército (1º BPE), construído para ali funcionar a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), o quartel da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), o da Escola de Sargentos das Armas (EsSA), o da antiga Escola de Veterinária e um sem número de quartéis tipo Calógeras, como os de Pouso Alegre e o do 4º Batalhão de Engenharia de Combate (4º BE Cmb), em Itajubá, que tivemos a honra de comandar de 1981 a 1982, cujos registros assinalam a visita de Rondon em 14 de outubro e 15 de dezembro de 1922, um domingo, e ambas para inspeção das obras executadas pela Companhia Construtora de Santos, presidida por Roberto Simonsen. A última visita, para agradecer a colaboração do batalhão que

enviara elementos de comunicações para o apoiar, no Paraná, no combate à Revolução de 1924, nas cabeceiras do Rio Liso. Batalhão cujo comandante, Major Volmir Augusto da Silveira registrou em Ordem do Dia de 7 de setembro de 1922, Centenário da Independência: "A situação do Exército do ponto de vista da eficiência é florescente. Aí estão: a sua organização, à moderna, para a paz e para a guerra ...o seu aquartelamento em casernas higiênicas e ricas de conforto..."

Convidado pelo Dr. Borges de Medeiros para comandar a Revolução de 1922, Rondon o recusou sob o argumento:

Somos positivistas e não podemos tomar parte em movimento subversivo, pois o positivismo nos ensina que é preferível um governo retrógrado do que a mais progressista revolução. Aderir à Revolução é ir de encontro aos princípios que abraçamos que só visam ao bem da pátria e da humanidade. O Exército como o concebem os franceses deve ser o grande mudo, pronto a se sacrificar pelo bem da nação, sem intervir em mesquinhas questões de politicagem.

Rondon exerceu o comando das forças em operações contra os revolucionários do General Isidoro Dias Lopes, baseado em seu quartel-general em Ponta Grossa, ao longo de oito meses, de 1º de outubro de 1924 a 12 de junho de 1925.

Combater seus camaradas foi um dos maiores dramas de consciência, uma das



Rondon junto aos seus comandados na região de Guaíra.

missões mais difíceis, para a qual encontrou justificativas positivistas, deliberando junto à sua querida Chiquita, depois de ser avisado pelo Major Euclides Figueiredo de que o Ministro da Guerra iria convidá-lo no outro dia para a missão: “Que a missão era pacificadora em prol do bem comum e a serviço da humanidade e assim da pátria e da família e que em consequência tinha obrigação de defender o governo constituído.”

Imbuído do caráter de pacificação e buscando reduzir as posteriores sequelas de uma luta fratricida, utilizou, ao máximo, regimentos policiais da Bahia e Rio Grande do Sul. Contou, em seu estado-maior, com Eurico Gaspar Dutra e Aurélio Goes Monteiro. O maior embate deu-se em Catanduvas, onde os revolucionários, ao comando do Capitão Nelson de Melo, foram cercados e aprisionados. Rondon manobrou suas forças de modo a obrigar os rebeldes a buscar santuário no Paraguai, de onde passariam para o Mato Grosso ao comando do General Miguel Costa, dando origem à Coluna Miguel Costa/Prestes.

O General Setembrino de Carvalho, então ministro da Guerra, fez a seguinte citação, no seu boletim, de 17 de agosto de 1924, registrando o desempenho das tropas do General Rondon, no combate à Revolução de 1924:

O General Cândido Mariano Rondon, como comandante em chefe das tropas de operações contra os rebeldes no Paraná e em Santa Catarina, impôs-se a nossa franca admiração, pela capacidade de que deu provas cabais do desempenho das funções a que foi chamado a exercer, tendo realizado com inquebrantável energia cívica uma grande obra em benefício da civilização. Temos por isso de louvar, em nome do presidente da República, esse general que acaba de enriquecer a sua fé de ofício com uma página brilhante de inteligência, cultura, iniciativa, ponderação, magnanimidade e tenacidade que o tornam incomparável chefe militar.

O General Setembrino de Carvalho considerou o Marechal Rondon o Pacificador do Século XX, remetendo à lembrança do glorioso e invicto Duque de Caxias, por haver pacificado a Revolta do Padre Cícero, no Ceará, em 1910; o Contestado, no Paraná e

em Santa Catarina, em 1916 e a Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

Discorre, ainda, o Coronel Moreira Bento:

A Revolução de 30 foi encontrá-lo no olho do furacão – o Rio Grande do Sul. Foi preso em Marcelino Ramos pelo General Miguel Costa que comandara a Coluna Miguel Costa. Foi escoltado de Marcelino Ramos a Porto Alegre por juristas enviados por Getúlio Vargas. Pediu para ser preso em navio como o comandante deposto da 3ª Região Militar (3ª RM), mas foi-lhe recusado, sendo acomodado no Grande Hotel, tendo Porto Alegre por menagem. Ali se hospedavam Osvaldo Aranha e esposa que o procuraram e tudo fizeram para que aderisse à Revolução, o que ele se recusou com a mesma argumentação positivista usada em 1922.

No informativo do Instituto Projeto Rondon de número 23, comemorativo dos 150 anos de nascimento do Marechal Rondon, seu neto Almanzor Meirelles Rondon, escreve:

Em 1927 é nomeado Chefe da Comissão de Inspeção de Fronteiras, desde as Guianas até o Uruguai. Quando encerrava a terceira etapa da inspeção de fronteiras internacionais, em sua chegada a Porto Alegre, Rondon com a patente de general de divisão é hostilizado pelos partidários do golpe de estado perpetrado por Getúlio Vargas em 1930, é preso pelo Capitão Goes Monteiro e por Assis Chateaubriand por se recusar a apoiar a Revolução de 30. Requer a reforma do serviço militar, pede exoneração da presidência do Serviço de Proteção dos Índios e dos Trabalhadores Nacionais (SPITN), sendo libertado da prisão e autorizado a viajar para o Rio de Janeiro.

Getúlio lhe falou que estava em dia com o serviço militar no Exército, mas não com o serviço da nação que muito precisava e muito esperava dele. Magoado, pediu que o submetessem a um conselho de guerra ou de justiça para apurar quaisquer irregularidades. E aí terminou sua vida militar na ativa.

No Rio cobrou do Ministro da Guerra, General Leite de Castro, o não atendimento de seu pedido de conselho de justiça e recebeu como resposta: “Não se constituirá nenhum tribunal, pois o mais alto tribunal da nação, que é a opinião pública, já o julgou general!”

Em 1934, convocado por Getúlio Vargas, para arbitrar a questão entre Peru e Colômbia, atende aos interesses da Pátria e, em 1938, conclui-se a chamada Questão de Letícia,

com a definição das fronteiras entre os dois países e o Brasil.

Reporta Almanzor Rondon, em seu mesmo artigo no informativo do Instituto Projeto Rondon, o diálogo ocorrido quando do término da missão de arbitragem da Questão de Letícia. Ao se apresentar ao Presidente Getúlio Vargas, este pergunta a Rondon: "General, o que deu no seu olho?" Rondon responde: "Eu dei ao Brasil!" Rondon havia contraído glaucoma em alto grau no período em que permaneceu no oeste amazônico.

As missões cumpridas pelo Marechal Rondon foram inúmeras, desafiadoras e cercadas de incertezas. Seu preparo técnico-profissional, seus valores e competências de líder militar permitiram-lhe cumpri-las todas, com destacada devoção, proficiência, eficácia e efetiva conquista dos resultados desejados.

Nesse ponto, cumpre ressaltar a semelhança dos cenários enfrentados por Rondon com os desafios de um processo de transformação ou mudança organizacional, ora em curso em nosso Exército. Deve-se observar, ainda, como os seus valores e atributos de cidadão, soldado e líder lhe permitiram vencer obstáculos e manter-se fiel aos seus princípios e crenças.

Assim, pode-se validar a tese da atemporalidade, da imprescindibilidade e da importância do cultivo permanente, em todos os integrantes do Exército, desde sua formação,

dos valores típicos do profissional militar, bem como do estudo da história militar, pois quem não conhece o passado da instituição não entende os seus deveres no presente nem se conduz coerentemente com as nossas tradições, valores e crenças.

Segundo o imortal José Murilo de Carvalho: "Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideais e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva" (CARVALHO, 1990).

As próximas passagens, extraídas do trabalho do Coronel Bento, são referentes aos trabalhos do Rondon explorador, sertanista, integrador do território nacional, cientista, indigenista, civilizador e protetor dos índios, o Grande Pai Branco, o *pagmejera* segundo os próprios silvícolas.

Designado, em 1927, para chefiar a Comissão de Inspeção de Fronteiras, Rondon e seus comandados percorreram mais de dezessete mil quilômetros, do Oiapoque ao Chuí, com a missão de realizar minuciosa inspeção, avaliando as condições de seu povoamento, de sua segurança e da soberania. Executada em três campanhas, os marcos de afirmação da soberania do Brasil ratificaram, materialmente, as obras dos desbravadores do sertão, dos colonizadores portugueses, dos soldados brasileiros e de diplomatas como o Barão do Rio Branco que, ao longo de séculos de epopeias, conquistaram e conformaram o



Marco na trílice fronteira com a Argentina e o Paraguai.

desenho de nossa Pátria.

Apenas na primeira campanha, foram necessários 257 dias para percorrer 10.702 km por água, 1.801 km a cavalo, 2.917 de automóvel e 1.896 por ferrovia, num total de 17.316 km percorridos. Os reconhecimentos no Pará e Amazonas demandaram 12.140 km, do total dos 17.316 km.

Rondon, observando a importância do minucioso registro dos trabalhos da missão, elaborou relatórios detalhados realizando a sua cobertura cine-fotográfica, como já o fizera nos trabalhos das Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas, desde 1890, demonstrando o seu caráter de modernidade, antecipando a compreensão de se levar à sociedade o conhecimento e apreciação da aplicação de recursos públicos.

Seus trabalhos cartográficos mapearam o Mato Grosso e o extremo norte em território limítrofe com Guiana Francesa e Alto Rio Branco, na escala 1/500.000. Em todas as comissões construtoras de linhas telegráficas, Rondon, paralelamente, realizou levantamentos topográficos e geográficos.

O Coronel Moreira Bento relata ainda:

Sua contribuição, como explorador e naturalista, permitiu a catalogação de 8.000 exemplares de vegetação, 6.000 exemplares zoológicos, bem como centenas de exemplares mineralógicos reunidos em precioso e bem cuidado acervo, espalhados em locais e enumerados em conferência do Dr. Alípio de Miranda Ribeiro no Jornal do Comércio no Rio de Janeiro em 23 de março de 1916, sob o título de Trabalhos de Campo publicados sobre Mineralogia, Geologia, Botânica, Antropologia e Zoologia, conferência que proferiu no Museu Nacional, em 26 de março de 1916.

Rondon e suas comissões cobriram uma área de 50.000 km², realizando levantamentos topográficos, geográficos, etnográficos, linguísticos e zoológicos.

Como chefe da Comissão de Acompanhamento do Coronel Theodore Roosevelt, ex-presidente dos EUA, ao Centro-Oeste e Amazonas, de outubro de 1913 até abril de 1914, percorreu 686 km, ao longo de 59 dias. Essa missão foi imortalizada nas obras do Capitão Amílcar de Magalhães: “Pelos sertões do Brasil” e “Impressões

da Comissão Rondon” e na do Presidente Theodore Roosevelt: “Nas selvas do Brasil”.

O presidente norte-americano (apud BENTO) proferiu as seguintes palavras sobre o Marechal Rondon:

O Coronel Rondon tem, como homem, todas as virtudes de um sacerdote. É um puritano de uma perfeição inimaginável na época moderna. Como profissional e cientista de escol, tão grande é o conjunto de seus conhecimentos que se pode considerar o Coronel Rondon um sábio. Nunca vi, nem conheço obra igual. Os homens que junto com Rondon a estão realizando, são, pela sua abnegação e patriotismo, os maiores que existem!

Rondon imortalizou-se e entrou, de maneira incontestada, para os anais da História Universal, devido ao seu trabalho pioneiro, humanitário e exemplar no trato com os indígenas brasileiros, mesmo não fosse ele próprio herdeiro de terenas, bororos e guanás. Aprendeu com o então Major Gomes Carneiro a importância do respeito e carinho no trato com nossos silvícolas.

Segundo Esther de Viveiros, sua imortal biógrafa, assim se refere Rondon sobre Gomes Carneiro:

Gomes Carneiro, meu amado mestre do sertão. Ali me ensinaste a ser soldado. Aprendi, nos teus edificantes exemplos cívicos e militares a ser dedicado ao serviço, inflexível nas maiores dificuldades e sofrimentos para nunca, ante o subordinado, revelar cansaço, ou ignorância, porque só assim, dizias, será a autoridade do chefe mantida e respeitadas as suas ordens. Foi contigo que aprendi a amar o gentio, já meditando nas ordens que fizeste cumprir em sua defesa e proteção, ao longo da estrada marginada pela construção da linha telegráfica, onde o bororo mantinha as suas aldeias; já no empolgante exemplo que me deste de não insistir contra os avisos que nobremente dá o índio ao invasor de suas terras, antes de fazer sentir, materialmente, que sua presença é desagradável. (VIVEIROS, 2010, p. 89).

Nomeado chefe da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, impôs como condição para aceitar o desafio a autorização presidencial para que as populações indígenas encontradas ao longo da construção da ligação telegráfica fossem colocadas sob a sua proteção, o que foi aceito.

Em 1908, participa do Congresso das



Índios visitam Rondon em seu barracão.

Raças, em Londres, onde difunde o seu ideal em relação aos índios: “Morrer se preciso for, matar nunca!”

Sua teoria foi incorporada em 1910 ao então criado SPITN, do qual foi o primeiro diretor e à frente do qual permaneceu por 15 anos. Atualmente esse órgão denomina-se Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Foi o Ministro Dr. Rodolfo de Miranda que, em carta oficial, fez o convite:

Visa a presente carta revestir de cunho oficial o convite que, pessoalmente vos dirigi em nome da causa dos nossos silvícolas. A espontaneidade da escolha de vosso nome para fomentar e dirigir a catequese que o governo da República deliberou empreender é a consagração formal da conduta humanitária, generosa, que tanto vos recomendou a confiança do indígena, na longa e heroica jornada que realizastes em zonas até então vedadas aos mais audaciosos exploradores. Quem, denodadamente e com rara abnegação, sacrificou a sua quietude, a calma do lar, a sua própria vida, por bem servir à nação; um amigo, um guia cuidadoso, reúne, sem dúvida, os requisitos de bondade, de altruísmo que devem caracterizar a campanha que há de redimir do abandono os nossos silvícolas e integrá-los na posse de seus direitos. A direção superior desse serviço vos será confiada, se aquiescerdes à consulta que

ora vos faço, antes das formalidades oficiais de requisição ao ministério a que pertenceis, e tenho bem radcada em meu espírito a confiança de que será satisfeita a aspiração comum, mediante o influxo de vossa cultura científica, de vossa capacidade moral, de vossa fé republicana e da energia de vontade que vos faz o primeiro dentre os exploradores do território brasileiro (VIVEIROS, 1958, p. 345-346)

Rondon respondeu, aceitando o convite:

Agradecendo-vos sinceramente a generosidade dos conceitos com que vos aprouve distinguir-me, eu não seria de nenhuma forma digno deles, caso, acedendo ao vosso honroso apelo, vos deixasse sem completo conhecimento do modo pelo qual encaro o problema indígena, no que tem de realizável atualmente. A catequização dos indígenas, compreendo a sua incorporação à nossa sociedade pela assimilação de nossa indústria, nossas artes, bem como pela adoção de nossos hábitos – que resultam de nossas crenças religiosas, no sentido positivo desses termos – julgo-a ser um problema diretamente inabordável no presente, em que por tantas crenças se repartem as preferências das populações. Como positivista e membro da Igreja Positivista do Brasil, estou convencido de que nossos indígenas deverão incorporar-se ao Ocidente, sem que se tente forçá-los passar pelo teologismo. À dita inspetoria caberá ainda, naturalmente, tornar efetiva a punição dos crimes que se cometem contra os indígenas; fiscalizar o modo pelo qual são

tratados nas colônias e estabelecimentos particulares, de modo a evitar que sejam vítimas de explorações, violências e fraudes. Ter-se-á sempre em vista que aos indígenas desagradam quaisquer obrigações e ensinos sistemáticos, por mais úteis que pareçam a nós ocidentais; e que só gradualmente poderão eles vir a sentir a utilidade, as vantagens e até a moralidade de cousas e atos a que prendemos tais atributos. Dentro dos limites assinalados, poderei aceitar, portanto, a direção dos serviços que ides instituir, durante os quais terei ocasião de desenvolver, de modo sistemático, o procedimento que de longa data tenho observado em relação aos nossos infelizes indígenas.” (VIVEIROS, 1958, p. 349-351).

Responde então o Ministro:

Li com vagar e cuidado vossa atenciosa carta, resposta ao meu convite para assumirdes a direção da catequese dos indígenas, organizado de acordo com a orientação republicana. Concordo sem discrepância com as medidas que sugeris todas conducentes a proteger o indígena, defendê-lo, ampará-lo, sem constranger a aceitar nossos hábitos e nossa religião. Será mais um serviço a reunir aos muitos que vos deve a República. (Viveiros, 1958, p. 351)

CONCLUSÃO

Cumpre iniciar as palavras finais, transcrevendo o que preconiza o Manual de Campanha C 20-10 Liderança Militar:

Decidir e agir em uma situação concreta envolve, via de regra, aspectos de ordem moral. Ao líder compete desenvolver, em si próprio e nos seus liderados, sobretudo pelo exemplo, a consciência de elevados padrões morais, capazes de fazê-los exibir conduta ilibada sob quaisquer circunstâncias. Não transigir com os princípios e padrões morais confere ao líder o respeito e a confiança dos subordinados, mesmo que eventualmente suas atitudes sejam pouco simpáticas. O líder militar deverá possuir uma consciência reta e trabalhará para preservar os valores morais que são inerentes à sua profissão. Não poderá entregar-se à imoralidade ou à infração voluntária e consciente de princípios morais consagrados; tampouco poderá ser um amoral, isto é, uma pessoa que perdeu o senso moral e tornou-se incapaz de discernir entre o bem e o mal. Do ponto de vista da liderança, o respeito aos valores morais é fundamental, pois, em todos os escalões hierárquicos, o líder militar deve estar permanentemente atento às implicações

morais de suas decisões, ordens e diretrizes.

O Marechal Rondon, ainda em vida, logrou obter o reconhecimento de todos quantos conheceram sua vida e obra; de instituições nacionais a organizações internacionais; de admiradores e de companheiros de labuta, mas também de desafetos políticos; do indígena e do intelectual, ou seja, de toda a humanidade para quem dedicou toda a sua existência.

A Sociedade Geográfica de Nova York lhe conferiu o Prêmio Livingstone em 1914, reconhecendo-o como o explorador que mais extensamente penetrou em terras tropicais, inscrevendo, em ouro, seu nome ao lado de Amundsen, descobridor do Polo Sul; Peary, descobridor do Polo Norte; Byrd, explorador que mais devassou terras antárticas, e Charcot, explorador que mais devassou terras árticas.

Declarado marechal honorário pela Lei nº 2.409, de 27 de janeiro de 1955, foi homenageado no Congresso Nacional, em 5 de maio de 1955, quando completava noventa anos.

O venerável marechal construiu, ao longo de sua vida, verdadeiros castelos à virtude e masmorras aos vícios. Digno, de vontade férrea e intransigente em seus valores, princípios e crenças positivistas, constitui fiel modelo de líder militar, contemporâneo, mesmo atemporal, exemplo a ser estudado e seguido nesses tempos de transformação.

O Marechal Rondon foi nomeado Patrono da Arma de Comunicações, pelo Decreto nº 51.560, de 26 de abril de 1962.

Suas linhas telegráficas, com seus picadões de quarenta metros de largura prestariam serviços à circulação humana e de riquezas. Permitiram também a integração dos indígenas, de acordo com os princípios positivistas de Rondon, o pai branco, *pagmejera*, o grande chefe, sempre fiel ao seu lema em relação aos índios: “Morrer se preciso for, matar nunca!”

Faleceu em 19 de janeiro de 1958, aos 92 anos, deixando a vida terrena e entrando para o Panteão dos Heróis da Pátria!

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cláudio M. **Marechal Cândido Mariano Rondon – Sesquicentenário**. In: <https://www.ahimtb.org.br>. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1988.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha C 20-10 - LIDERANÇA MILITAR**, 2ª Edição. Portaria nº 102, de 24 de agosto de 2011. Brasília, Centro de Doutrina do Exército, 2014.
- _____. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10.103 - OPERAÇÕES**, 4ª edição. Portaria nº 004, de 9 de janeiro de 2014. Brasília, Centro de Doutrina do Exército, 2014.
- _____. **Manual de Fundamentos EB20-MF-10-101 - O EXÉRCITO BRASILEIRO**. 4ª Edição. Portaria nº 012, de 29 de janeiro de 2014. BRASÍLIA, Centro de Doutrina do Exército, 2014.
- FREIRE, Nilza O. **Centenário da Comissão Rondon (1907 – 2007)**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso, nº 65. Cuiabá: 2007.
- VIVEIROS, Esther. **Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro: BIBLIX. 2010.

Foto: arquivos CComSex

